



”Papel dos farmacêuticos no contexto da pandemia – desafios atuais”

Lígia Garcia

Farmacêutica.

Responsável pela área Literacia em Saúde, Centro de Informação do Medicamento e Intervenções em Saúde (CEDIME), Infosaúde; Associação Nacional das Farmácias (ANF).

Entrevistada por

Maria Teresa Egídio Mendonça

Médica.

Diretora Científica do Círculo Médico, empresa de comunicação que divulga o importante trabalho dos diversos profissionais no combate à pandemia COVID-19.

A ANF tem um papel de representação de elevado número de farmácias portuguesas: 2.750 farmácias filiadas (cerca de 95% do total nacional). Tem como missão contribuir para que as farmácias da rede de cuidados de saúde primários estejam na linha da frente dos cuidados à população, intervindo em áreas que incluem suporte nas áreas de formação e na área empresarial, entre outras.

No contexto da epidemia em que vivemos, qual tem sido o papel da ANF na preparação dos farmacêuticos? Qual o trabalho de retaguarda que permite manter a linha da frente operacional?

As farmácias, devido à sua acessibilidade e ampla distribuição geográfica, estão na primeira linha de contacto com a população, no dia a dia e igualmente numa situação de surto ou epidemia. Por este motivo e, também, por serem reconhecidamente espaços de saúde, estão particularmente expostas a questões sobre a COVID-19 assumindo, simultaneamente, uma elevada responsabilidade perante a sociedade, em geral, e os seus utentes, em particular.

A Associação Nacional das Farmácias (ANF) assumiu assim o apoio em

3 níveis de intervenção: técnico-científico (disponibilizando informação para que as equipas das farmácias se mantenham a par do evoluir do conhecimento neste âmbito e para as apoiar na comunicação com os utentes), profissional (através das orientações preparadas para o desenvolvimento dos Planos de Contingência de cada farmácia, adaptando as recomendações à sua realidade e de ferramentas que permitem capacidade de resposta atempada, acompanhando regras estabelecidas pelas entidades de saúde), negócio (porque as farmácias têm que ser sustentáveis enquanto geradoras de emprego, permitindo que continuem a prestar o serviço à população, a ANF desenvolveu algumas iniciativas de apoio à proteção do negócio/ consultoria, visando apoiar as farmácias em maior dificuldade).

Assim, o apoio tem sido possível mediante um acompanhamento próximo da situação, com divulgação das informações atuais e pertinentes, sempre com a devida sustentação científica, permitindo dar resposta às diversas fases da pandemia no nosso país e no mundo e preparando-nos para o que se prevê que venha a acontecer no futuro próximo que será, necessariamente, diferente.



Na vertente técnico-científica- área de intervenção do CEDIME- acompanhámos, em particular a área da Literacia em Saúde, o evoluir da situação desde que surgiram as primeiras notícias de um surto localizado (ainda apenas na China) cujo agente era um novo vírus. A 24/01 publicámos as primeiras informações estruturadas para as farmácias e para os meios digitais, com linguagem adaptada à população, com o intuito de disponibilizar informação credível e cientificamente validada sobre o tema, contribuindo para o combate à desinformação e às fake news, algo muito comum nesta era digital. Preparámos também, ainda em janeiro, material sobre a doença, o agente e as formas de prevenção conhecidas à data, para as farmácias poderem disponibilizar aos seus utentes, perante eventuais dúvidas colocadas ao balcão. Divulgámos às farmácias um fluxograma com orientações de como proceder em diversas situações de aconselhamento pelos farmacêuticos ao balcão das farmácias, o qual foi posteriormente adaptado pela FIP (*International Pharmaceutical Federation*) e traduzido em 8 línguas para orientação aos farmacêuticos dos vários países. Estas orientações perderam, entretanto, a atualidade pois passámos de uma fase de preparação e contenção da propagação do vírus para uma fase de mitigação dos efeitos da doença a nível comunitário.

Já com casos na Europa, e o aumento do risco da doença chegar a Portugal, a ANF constituiu, no final de fevereiro um Gabinete de Crise, envolvendo vários departamentos, entre os quais o CEDIME, para preparar o apoio às farmácias e à população num contexto que se adivinhava muito desafiador.

Temos vindo a manter a atualização da informação, de forma quase diária, acompanhando as diversas fases da COVID-19 no nosso país, sempre alinhada com as orientações de entidades como a OMS, ECDC e DGS e dando resposta às necessidades de informação por parte das farmácias e população. Abordámos temáticas tais como a doença, medidas de prevenção (com grande destaque para a lavagem correta das mãos e medidas de etiqueta respiratória), contenção e isolamento dos casos suspeitos – nas fases iniciais de contenção e de contenção alargada. Já na fase de mitigação, o destaque foi para assuntos como medicamentos em contexto COVID, equipamentos de proteção individual, as medidas a adotar pelas farmácias de modo a assegurar a continuidade da sua atividade e resposta às necessidades dos doentes.

“A ANF constituiu um Gabinete de Crise, envolvendo vários departamentos, entre os quais o CEDIME, para preparar o apoio às farmácias e à população.”

Na fase aguda que vivemos, o medo do contágio tem sido fator determinante do afastamento dos doentes dos Serviços de saúde em geral; o mesmo se verificou nas farmácias ou, pelo contrário, verificou-se maior recurso às farmácias?

Inicialmente, com o receio de COVID-19 chegar a Portugal houve uma grande afluência às farmácias – procura de máscaras, soluções de álcool-gel, as pessoas a procurar fazer stocks de medicamentos que assegurassem eventuais falhas no abastecimento do mercado. Nesse sentido, a procura aumentou consideravelmente entre fevereiro e março. Também nesta altura, foi muito importante o papel dos farmacêuticos comunitários pois tiveram o cuidado de tranquilizar os cidadãos face a eventuais roturas de medicamentos, alertando-os para que não fizessem reserva de medicamentos para mais de 2 meses, de modo a que não houvesse falta de medicamentos necessários a doentes crónicos e todos pudessem ter acesso à medicação de que necessitavam.

Depois, já durante os 3 períodos do Estado de Emergência, foi recomendação do Governo e das Entidades de Saúde que os cidadãos limitassem as saídas de casa e, apesar de poderem ir à farmácia, foi aconselhado que limitassem as suas deslocações também à farmácia, em particular os grupos de risco. Nesse sentido, a ANF também aconselhou aos seus associados que passassem essa informação aos seus utentes, para proteção dos próprios e, também, das equipas das farmácias. Para garantir o acesso da população aos medicamentos, a ANF alargou a linha de assistência farmacêutica **SAFE (1400)** a todo o país (continente e ilhas), permitindo às pessoas saber em que farmácia da sua preferência existiam os medicamentos de que necessitavam. Esta linha, testada inicialmente num ensaio piloto em Bragança, depois alargada ao Concelho de Loures, era apenas para medicamentos urgentes mas, para que se mantivesse o dever de recolhimento, alargou-se a todos os medicamentos e produtos de saúde de que os utentes viessem a precisar, mantendo a relação de proximidade e confiança destes com a “sua” farmácia. Também apoiámos as farmácias e os seus utentes com uma parceria com os CTT, o que permitiu a entrega de medicamentos ao domicílio, caso a própria farmácia não tivesse esse serviço estruturado.

“Para garantir o acesso da população aos medicamentos, a ANF alargou a linha de assistência farmacêutica SAFE (1400) a todo o país (continente e ilhas).”



Em relação às farmácias na linha da frente quais têm sido os principais desafios enquanto estruturas de saúde pública?

As farmácias, tais como outros serviços considerados essenciais, estiveram sempre abertas, assegurando o serviço à população. Para tal, dado que são espaços onde os utentes vão adquirir medicamentos e produtos de saúde, a exposição a eventuais casos é teoricamente maior. Aliás, tivemos conhecimento de alguns casos em que utentes que se sabiam positivos ou, eventualmente, suspeitos foram numa fase inicial, ainda antes do Estado de Emergência, adquirir medicação de que necessi-

tavam, por não terem ninguém que o fizesse em seu lugar, colocando em risco as equipas. Algumas farmácias foram mesmo encerradas por casos positivos nas equipas. Logo nas fases de contenção e de contenção alargada, procurámos orientar as farmácias na identificação e isolamento de casos suspeitos e respetivo encaminhamento aos serviços de saúde. Houve mesmo utentes que, por impossibilidade de contactar o SNS 24, iam à farmácia pedir apoio nesse contacto, tendo nós procurado apoiar as dúvidas dos colegas com casos suspeitos na farmácia. Mais tarde, com a implementação dos planos de contingências próprios em que muitas farmácias optaram por funcionar com equipas a trabalhar por turnos, em espelho, de modo a assegurar a continuidade da atividade, outras a atender pelo postigo, assim que foi permitido e até aconselhado pela DGS que o fizessem. Também houve adaptação do espaço físico da farmácia, utilização desde cedo dos equipamentos de proteção individual e de regras estritas de desinfeção das instalações, dos balcões, dos MB, colocação de barreiras de acrílico, etc.

Para apoio aos farmacêuticos de todos os setores a 16 de março foi criada a Linha de Apoio ao Farmacêutico (LAF), uma parceria entre Ordem dos Farmacêuticos e Associações Setoriais entre as quais a ANF, com o objetivo de responder às dúvidas, dificuldades e problemas que estes profissionais enfrentam diariamente, devido ao novo coronavírus. Mais tarde, com a Operação Luz Verde, também a LAF foi envolvida enquanto estrutura central de articulação entre os diversos parceiros. A Luz Verde foi uma resposta articulada entre vários profissionais de saúde (farmacêuticos, médicos e administradores hospitalares) e os *players* do setor do medicamento (Hospitais, Distribuidores Farmacêuticos e Farmácias Comunitárias), com o apoio da OF e da OM, para garantir a dispensa, em farmácia comunitária ou no domicílio, de medicamentos habitualmente cedidos em contexto de ambulatório hospitalar. Os objetivos principais são assegurar a continuidade do tratamento, prevenindo a interrupção terapêutica por dificuldade de acesso aos serviços hospitalares, reduzir a deslocação de doentes, particularmente a hospitais empenhados a responder à emergência de saúde pública, assegurar segurança no novo circuito do medicamento, abrangendo a entrega ao domicílio.

“Foi criada a Linha de Apoio ao Farmacêutico (LAF), uma parceria entre Ordem dos Farmacêuticos e Associações Setoriais entre as quais a ANF, com o objetivo de responder às dúvidas, dificuldades e problemas que os profissionais enfrentam diariamente, devido ao novo coronavírus.”

Verifica-se a necessidade de adaptação do espaço físico das farmácias, dos equipamentos de proteção individual e da tecnologia. A resposta das farmácias a estas necessidades resultou de iniciativas individuais ou foi coordenada?

Foi uma resposta coordenada centralmente pela ANF, com disponibilização de informação e orientações às farmácias sobre como se preparar para a pandemia – através do Plano de Contingência das Farmácias. Cada farmácia adaptou-o à sua realidade já que o setor conta com farmácias rurais e urbanas, que servem utentes com características diferentes, para além de englobar várias tipologias de farmácia: as maiores com equipas de dimensão considerável que permitiram o trabalho por turnos, por exemplo, até às mais pequenas, com estruturas e equipas com dimensões muito diferentes e diferente possibilidade de se reorganizar. Este plano foi sendo atualizado, acompanhando a evolução da pandemia e as diversas fases pelas quais estamos a passar, contando à data com 7 versões. Houve farmácias com barreiras de

acrílico, circuitos marcados no chão, acesso limitado a secções de livre serviço como a dermocosmética e puericultura, atendimento exclusivo pelo postigo, etc.

Quais as principais ações de promoção de literacia da população promovidas pelas farmácias no contexto atual de saúde e de que forma o CEDIME contribuiu para as apoiar?

Para além dos diversos materiais que preparámos para os profissionais – sobre a doença, sobre preparação de álcool-gel nas farmácias (quando houve rotura de stock e não se conseguia encomendar nos armazéns) de acordo com recomendações da OMS, sobre equipamentos de proteção individual, de índole técnico científico sobre terapêutica e gestão de manifestações leves e moderadas da COVID-19, em ambulatório, sobre grupos de risco, gravidez, entre muitos outros. Tendo noção de que a capacitação das equipas das farmácias permite que a sua resposta no esclarecimento dos seus utentes seja muito mais efetiva, também preparámos diversos materiais específicos para utentes, para promover a literacia em saúde da população, especificamente sobre a COVID-19. Nesse sentido preparámos conteúdos para os meios digitais, nomeadamente *Facebook*, *site* da revista Saúde e portal/ app das Farmácias Portuguesas, alguns materiais para publicações destinadas a utentes, como a revista Saúde e para as farmácias terem nas suas instalações – cartazes, folhetos sobre a doença e medidas de prevenção. Construíram-se materiais para o Vila Saúde (um projeto educativo da ANF, destinado a crianças entre os 4 e os 10 anos, focado em saúde e promoção de comportamentos saudáveis) pois havia muitas crianças alarmadas com a situação. Tivemos igualmente diversos pedidos de escolas a farmácias para que os farmacêuticos fossem às escolas próximas explicar o que era a doença e como a prevenir, para tranquilizar as crianças e prepará-las. Fizemos, também, materiais especificamente preparados para as farmácias entregarem aos seus utentes – folhetos sobre a doença e formas de prevenção (“COVID-19 – Conhecer para prevenir”), sobre as medidas de prevenção, com particular enfoque na lavagem das mãos (“COVID-19 – Sabe lavar as mãos?”) e sobre a utilização correta de máscaras (“COVID-19 – Uso correto das máscaras”). E temos outras ideias em elaboração, algumas delas sugeridas pelas próprias farmácias perante as dúvidas que lhes são colocadas pelos utentes, por exemplo algo que explique de forma clara a diferença entre cada tipo de máscara.

“Preparamos conteúdos para meios digitais, revista Saúde e portal/ app das Farmácias Portuguesas e materiais para as farmácias terem nas suas instalações, tais como cartazes e folhetos sobre a doença e medidas de prevenção.”

Foram identificadas novas necessidades de formação dos profissionais às quais a ANF teve que dar resposta, nomeadamente na atualização do conhecimento científico?

Para além da disponibilização dos diversos materiais que o CEDIME elaborou para apoio técnico-científico às equipas das farmácias, foram organizadas 3 conferências, ainda em fevereiro, com a colaboração de médicos infeciologistas (a 13/02 uma médica do Hospital São João e a 20/02 um médico do Hospital de Egas Moniz). Na conferência de Lisboa o CEDIME também participou divulgando os diversos materiais e as medidas que estávamos a preparar para orientação à atividade das farmácias. Foram ainda realizados alguns webinars com enfoque na COVID-19 entre os quais: a 20/04, em parceria com a SANOFI, “COVID-19 Uma pandemia, duas perspetivas, um caminho comum”, com mais de 200 participantes; a 19/05, em parceria com a Fresenius, “A Far-

mácia na gestão nutricional do idoso”; a 18/05, com a colaboração de um docente da FFUL, “Cenário atual de investigação e diagnóstico da COVID-19”, entre outros. Também foram realizados diversos webinars temáticos #FitContraCOVID-19, entre abril e maio. Em termos de formação estruturada, foram disponibilizados 2 módulos formativos “COVID-19 – Módulo 1 – O conhecimento essencial sobre o novo coronavírus SARS-CoV-2” e “COVID-19 – Módulo 2 – Testes, procedimentos de execução e regulamentação associada” e, também, “Dispensa de medicamentos hospitalares na farmácia comunitária – VIH/SIDA”. Ainda no âmbito da dispensa de medicamentos hospitalares na farmácia comunitária, para apoio à Operação Luz Verde, foram preparadas diversas *factsheets* (VIH/SIDA, Esclerose Múltipla, Artrite Reumatóide, Hepatite C crónica, Doença renal crónica, Profilaxia da rejeição de transplante e Doença de Crohn e Colite Ulcerosa).

“O CEDIME elaborou para apoio técnico-científico às equipas das farmácias, diverso material de apoio, conferências e webinars desde o início da pandemia.”

Devido à necessidade de conciliar o trabalho na farmácia com a vida familiar, por vezes incluindo apoio escolar e apoio a familiares idosos, quais as dificuldades reportadas pelos farmacêuticos e ajudantes técnicos?

Sabemos que os colegas tiveram alguns momentos de ansiedade, procurámos sempre tranquilizá-los e apoiá-los, quer através das estruturas associativas que acompanharam as farmácias que tinham necessidade de respostas e informação na hora, articulando com as estruturas e departamentos internos da ANF, apoio às farmácias que tiveram que fechar, não muitas felizmente e estão todas reabertas, e tal como referido acima através da Linha de Apoio ao Farmacêutico, no caso concreto dos farmacêuticos.

Tem sido descrito que os profissionais de saúde na linha da frente em contexto de elevado stress apresentam um aumento das perturbações como ansiedade e *burnout* – os farmacêuticos têm reportado este impacto?

Penso que depende muito de cada realidade, pessoal e profissional. Temos perceção que a maioria dos colegas geriu bastante bem esta situação tão desafiante, mas é natural que tenha tido impacto no seu dia a dia, embora não saibamos até que ponto, pois é ainda tudo muito recente e não há dados maduros que nos permitam avaliar a situação. Nas diversas atualizações do plano de contingência para as farmácias procurámos contemplar essa vertente também e estivemos sempre disponíveis através das linhas de apoio telefónico da ANF, do CEDIME ou de outros departamentos que contactam de perto com as farmácias filiadas.

Quais poderão ser as novas respostas das farmácias às necessidades da população na era pós COVID, incluindo novos serviços e valências?

Na era pós-COVID há vários desafios que se apresentam. Ficou demonstrado na resposta que as farmácias deram a esta crise de saúde pública que o que se perspetiva para o futuro será maior integração das farmácias no sistema de saúde, procurando ir ao encontro das necessidades de saúde dos doentes e da colaboração com os sistemas de saúde. A importância da digitalização da farmácia, da entrega de medicamentos ao domicílio, a prestação de serviços ao domicílio, entre muitas outras possibilidades que os desafios recentes demonstraram ser necessárias, são de realçar.

Ficam várias questões para reflexão:

- ferramentas utilizadas- qual a valorização do canal digital?
- próximas vagas COVID-19?- resposta a próximas pandemias?
- relação do utente com a sua farmácia?
- o que vai suceder com a cedência de medicamentos hospitalares na farmácia comunitária?
- o que vai a farmácia comunitária poder fazer de diferente para melhor servir os seus utentes e apoiar o SNS, enquanto parte integrante e muitas vezes porta de entrada no Sistema de Saúde?

“O futuro implica maior integração das farmácias no sistema de saúde, procurando ir ao encontro das necessidades de saúde dos doentes.”

Há uma mensagem de esperança para os profissionais de saúde e para a população reafirmando a confiança nas farmácias onde os profissionais estão sempre disponíveis, sendo muitas vezes “a única luz acesa”?

As farmácias estarão sempre presentes na vida das pessoas, apesar da desmaterialização de alguns serviços, mantendo o rosto humano dos farmacêuticos, mesmo que por vezes à distância, e apoiando-os em todas as fases da sua vida, mesmo as mais complexas e desafiantes.

As farmácias são, efetivamente e muitas vezes, a única luz acesa como refere, e hoje, mais do que nunca, é importante recordar que por muito escuro que fique, há luzes que nunca se apagam.

